

Documentário *Fitxicêlu. Crenças, Estigma e Ostracismo*, São Deus Lima & Gerson Soares, GS Produções, 48 min., São Tomé, 2016.¹

Vanicléia Silva Santos*
Gerhard Seibert**

pp. 113-115

“Em 1997, na zona de Água Porca, nos arredores da capital São Tomé, o corpo de Ika foi encontrado debaixo de uma mangueira, perto de sua casa. Fora violentamente espancada e estrangulada. Tinha 66 anos e era acusada de ser feiticeira pela vizinhança e por uma sobrinha. Ninguém foi responsabilizado pela sua morte. (...) Em 1999, no Riboque da cidade capital, uma idosa chamada Georgina foi publicamente executada por familiares e elementos da comunidade. Foi colocada sobre uma chama de zinco quente, sob a qual ardia uma fogueira e enterraram-lhe na vagina uma barra de ferro em brasa. Chamavam-lhe feiticeira. Um dos linchadores, um agente da polícia, foi condenado e cumpriu anos de prisão. (...) Em 2010, em Algés, distrito de Cantagalo, uma idosa foi linchada à cacetada pela vizinhança. Antes de morrer no local, obrigaram-na a comer as próprias fezes. A polícia fez uma detenção. Não foi possível apurar se houve julgamento e condenação. Em setembro de 2015, no bairro Quinta de Santo António, na cidade capital, Lulé, de 81 anos de idade, foi várias vezes agredida na cabeça, à pedrada, por um sobrinho que a acusava de ser feiticeira. Morreu cinco dias depois. O agressor cumpre uma pena de prisão de dezassete anos.”²

Os quatro relatos acima ocorreram em São Tomé e Príncipe, contudo, tais agressões contra supostas feiticeiras não são específicas para o pequeno arquipélago no Golfo da Guiné, pois também ocorrem em outras sociedades onde existe a crença na feitiçaria.

Fitxicêlo significa feiticeiro em forro, a língua crioula maioritária de São Tomé. O estigma e o medo que este substantivo carrega foi escolhido como título do primeiro filme documentário da jornalista e poetisa são-tomense São Deus Lima, realizado junto com Gerson Soares. São Deus Lima é sobretudo conhecida pelo conjunto de sua obra poética, publicada com o nome de Conceição Lima, nomeadamente os livros *O Útero da Casa* (2004), *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006) e *O País de Akendenguê* (2011). O filme revela a grande sensibilidade e preocupação da realizadora e do coautor perante os problemas sociais do seu país. A realizadora entrevistou vítimas de acusação de feitiçaria, pessoas comuns, assim como pessoas ligadas à Igreja Católica, à polícia, à justiça, a organizações humanitárias, e a instituições de caridade e de ensino que conhecem de perto a gravidade do problema.

Por meio das entrevistas realizadas com algumas das vítimas, o filme relata o drama de idosos, na sua esmagadora maioria mulheres, acusados por familiares e vizinhos de práticas de feitiçaria. Frequentemente, além das acusações de feitiçaria lançadas contra as idosas, estas são agredidas e espancadas. Nos últimos anos há registros de vários casos em que as acusações e agressões culminaram no linchamento da suposta feiticeira. Os lincha-

* UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.

** UNILAB, São Francisco do Conde, Bahia.

1 Disponível online em <http://www.telanon.info/sociedade/2017/01/02/23523/fitxicelu-um-documentario-de-sao-deus-lima/>.

2 Documentário *Fitxicêlu. Crenças, Estigma e Ostracismo*.

dores são movidos pelo medo da feitiçaria, que na crença popular pode provocar doenças, infelicidade e até a morte de pessoas. As vítimas das acusações de feitiçaria, em geral, são idosas, que vivem numa situação de pobreza extrema e são abandonadas pela comunidade e, frequentemente, pelas suas próprias famílias. Por outro lado, é a própria pobreza que enfraquece a coesão e a solidariedade entre gerações levando, conseqüentemente, os filhos a abandonarem os seus velhos pais.

As acusações de feitiçaria aparecem quando idosos numa situação de pobreza e abandono mostram certos comportamentos associados à velhice, como, por exemplo, acordar durante a noite, ter esquecimentos, ou simplesmente possuir um gato como animal de estimação; Mulheres que vivem sozinhas sem filhos e aquelas que se tornaram pedintes depois de expulsas de casa pelas famílias. Os vizinhos também sofrem o mesmo tipo de acusação na vizinhança e afastam as crianças para protegê-las do suposto perigo, como explica a senhora Amélia, que após ter ficado viúva e nunca ter tido filhos, é estigmatizada pela vizinhança.

A literatura sobre a feitiçaria em sociedades africanas contemporâneas concorda que acusações de feitiçaria existem, visto que pessoas em comunidades pobres sem acesso a outras explicações procuram interpretações em sobrenaturais para justificar desgraças, doenças e mortes aparentemente inexplicáveis que as afligem. Os efeitos de pobreza desestabilizam comunidades, tornando-as mais suscetíveis para a realidade entrincheirada de acusações de feitiçaria.

O filme mostra bem que a crença na existência da feitiçaria está tão enraizada em São Tomé e Príncipe como em outras sociedades africanas. Amâncio Valentim, o curandeiro entrevistado no filme, absolve os idosos de práticas de feitiçaria, mas confirma que já viu os verdadeiros feiticeiros com os seus próprios olhos. Embora poucas pessoas, como ele, admitam publicamente acreditar na feitiçaria, de fato, é difícil encontrar pessoas que não acreditam na sua existência. O bispo de São Tomé, o único estrangeiro que aparece neste documentário, admite que também dentro da Igreja Católica local muitos acreditam na existência da feitiçaria. O bispo também fala da maior dimensão deste fenómeno ao nível africano, mas também recorda de casos de linchamentos de pessoas acusadas de bruxaria em Portugal, ainda no século XX. O ex-presidente da Cruz Vermelha são-tomense recorda que nos anos de 1990, os próprios funcionários da Cruz Vermelha, junto com a Santa Casa de Misericórdia que protege e acolhe idosos acusados de feitiçaria, suspeitaram uma idosa de ser feiticeira e esta foi agredida dentro da instituição. O comandante da polícia revela que a sua instituição trata, em média, por semana, dois a três casos ligados a acusações e agressões de idosos por feitiçaria na periferia de São Tomé. Caso esteja em risco a integridade física destas pessoas, elas são encaminhados para a Cruz Vermelha ou para o lar de idosos da Santa Casa.

Estas duas instituições não-governamentais são praticamente as únicas que acolhem e acompanham idosos agredidos devido a acusações de serem feiticeiros. Em contraste, o Estado ignora o drama que estes velhos vivem. Conseqüentemente, não tem feito nada para proteger e apoiar os velhos pobres e marginalizados, que são agredidos pelos populares. Os realizadores deste documentário deram um contributo importante para a divulgação da tragédia das idosas pobres e marginalizadas, vítimas de acusações de feitiçaria, em São Tomé e Príncipe e em outras partes de África e do mundo onde acontece.

“Os velhos são os Deuses do Mundo”. O filme começa com a citação desse provérbio são-tomense porque na referida sociedade o velho tem status social elevado, que pode ser observado claramente no *bócadu*, tradicional reunião anual familiar na Quarta-Feira das Cinzas em casa do membro mais velho da família. É uma tradição antiga para manifestar e reforçar a coesão e solidariedade da família são-tomense. Contudo, a situação da pobreza

e da exclusão social explica por que razão o estigma de feiticeiro pode existir numa sociedade como a são-tomense que tradicionalmente manifesta muita consideração e respeito pela sabedoria e a experiência da geração mais velha. Finalmente, essa é a prova de que a desestruturação social favorece a fabricação dos feiticeiros: não se conhece nenhuma pessoa com boa condição económica que tenha sido acusada de feitiçaria, afirma a enfermeira da Santa Casa.

Nesta resenha, nós poderíamos evocar as razões culturais das práticas mágicas de origens dos povos que habitam São Tomé e as razões históricas da utilização de repertório da feitiçaria ocidental para a explicação das práticas religiosas da ilha de São Tomé. Contudo, está claro que, nas atuais circunstâncias, o medo da feitiçaria é pautada pelos assombros da pobreza.

